



umbigo ao “infinito”, reentronizando a velha noção romântica do poeta-cósmico, do poeta-centro-do mundo.

Não, oh mortais, não vos pertenco, (exclama)
Eu sou órgão de um Deus;
um Deus me inspira;
Seu intérprete sou; oh terra! Ouvi-me.

Esses versos modernos de Gonçalves de Magalhães estão na ordem do dia. Penso que não há grande mal no poeta julgar-se predestinado, mas creio também, no entanto, que a terra só o ouve depois que ele ouviu a Terra. Depois que aprendeu a identificar o sabiá sobre a palmeira e transpô-los para a poesia “enquanto” sabiá e palmeira, confiando no magnetismo da sua sugestão. Se, em vez disso, monta o pássaro de Gonçalves Dias num telefone de Manuel Bandeira e afirma que o resultado é igual à transmigração das almas (digamos), corre o risco de nunca aprender a manejar e respeitar o que há de máximo na arte poética, isto é, as imagens, nutridas de mensagens da terra.

Do ponto de vista humano, há perigos enormes nesse exclusivismo em cultivar apenas as “emoções que se agrupam em torno da palavra infinito”, como dizia Hulme. É a invasão do desmesurado, que parecendo exaltar o humano, nada mais faz que hipertrofiá-lo, isto é, desumanizá-lo. Com efeito, em muitos livros recentes, encontramos pouca fibra, pouca atitude realmente viril ante a criação. Não censuro propriamente os nossos jovens poetas, que estão jogando uma grande cartada renovadora, e que tomados isoladamente têm, muitas vezes, qualidades suficientes. Procurei apenas conceituar certas generalidades que podem apresentar perigo, mas que, nem por se aplicarem em conjunto, bastam para explicá-los.



ANTONIO CANDIDO
Notas de Crítica Literária

Diário de S. Paulo,
7 de março de 1946.

Conversando não faz muito com um dos nossos maiores poetas, dizia-lhe eu entre outras coisas que a melhor crítica literária, a mais iluminadora e durável, não é feita pelos críticos profissionais, mas pelos próprios artistas criadores. Concordamos, é verdade, que o crítico ocasional tem a seu favor a vantagem enorme de escrever quando quiser, sobre os livros que escolher, donde a preeminência, mais aparente que real segundo o meu delicado interlocutor. Dum jeito ou de outro, não vejo razões para mudar de parecer, embora me punja a idéia desta precariedade da minha corporação, tão contingente e frágil que no seu próprio terreno vem batê-la a mestria dos criadores.

Se, encarada no conjunto, a obra de Tristão de Ataíde, de José Veríssimo e a ainda efervescente de Álvaro Lins apresentam maior força e importância na história do gênero, não há negar que as páginas mais penetrantes, os conceitos mais brilhantes, as idéias mais reveladoras sobre a nossa literatura são encontrados sob a pena de Machado de Assis, Mário de Andrade, Carlos Drummond, Manuel Bandeira. Se Mario de Andrade é um crítico perfeitamente caracterizado, como outros de igual valor que fazem no gênero estações periódicas (Pedro Dantas, Sergio Buarque de Hollanda, Barreto Filho), os demais apenas circunstancialmente analisam um livro. E ao fazê-lo (aqui chego a meu alvo) demonstram geralmente acuidade maior que a dos críticos profissionais. Assim é que uma simples frase desse indisciplinado e por vezes caótico Oswald de Andrade sobre “literatu-



ra de tração animal” vale como relâmpago em nossa compreensão, iluminada, milagrosa e mais efetivamente do que pela cautelosa lanterna da crítica militante, a que pertencço.

E não será preciso lembrar que, no cemitério da literatura, campos sem nome, com uma cruz esquecida e um pouco de erva solta, cobrem centenas de críticos, a seu tempo famosos e hoje tão deslembrados e perdidos quanto a fauna da sublitteratura, do folhetim e da crônica de jornal. Nesse gênero ingrato, a porta é mais estreita que nos outros. Menos que porta, é uma angustiosa fresta, por onde logram passar Hazlitt, Sainte-Beuve, De Sanctis (no Brasil, um Sílvio e Veríssimo, de craveira infinitamente menor), enquanto atrás dela vão se amontoando os reprovados, menos duráveis que a memória dos coevos. E contrastando a falibilidade do gênero, sobrevoando a sua apertada fresta, brilham e duram os pontos de vistas informais e esporádicos dos amadores: Balzac descobrindo Stendhal, Victor Hugo compreendendo e amando Verlaine, Verlaine revelando os Poetas Malditos.

Não sei se devido ao relativo pessimismo com que julgamos as nossas próprias atividades e capacidades, sempre me pareceu aplicar-se à crítica dos profissionais e dos ocasionais uma distinção feita não me lembro mais por quem nem a respeito de quem: a dos primeiros, geralmente, nos seus melhores espécimes, satisfaz em cheio os homens de gosto e de cultura, mas não consegue, como a dos segundos, dessatisfazê-los, lembrando-lhes o quanto teriam deixado escapar sem o seu amparo. Há com efeito, na profissão crítica, uma certa limitação por suficiência, desenvolvida insensivelmente com o hábito de julgar e, no correr do tempo, provocando um adormecimento da inquietação espiritual, sem a qual não há descobertas. Ora, a crítica mais alta é a que revela, não a que explica.

Nem que de propósito, temos agora oportunidade para testar este ponto de vista. Um poeta – dos dois ou três maiores que possuímos entre os vivos e certamente o mais puro – acaba de fazer de nossa poesia um admirável escorço. *Apresentação da poesia brasileira*, de Manuel Bandeira, é obra curta e singela. Destinada a estrangeiros, não pode, forçosamente, ter a liberdade facultada pelos assuntos implicitamente conhecidos do leitor. Tem de repetir noções e fatos, citar certos lugares-comuns acatar de algum modo pontos assentados. Movimentando-se na pequena margem deixada à sua iniciativa soube Manuel Bandeira escrever um ensaio de grande valor, e se não produziu trabalho forte, fez obra excelente pelo gosto, equilíbrio de conceitos e uma percepção muito fina dos valores artísticos e de história literária.

Aos interessados nesta última, é de referir-se a inteligência com que determina os períodos, articulando-os com a mestria de um desenhista cuja obra, apagadas as linhas de construção, se apresenta coesa e por assim dizer solidária nas diferentes partes. Esta boa arquitetura só foi obtida, é claro, pelo acabamento impecável dos detalhes, revelando o crítico seguro, e o sentimento dos conjuntos, próprio do historiador. Além disso, chama logo atenção afinidade com que o autor penetra nos poetas mais diversos, numa catolicidade crítica, para falar à maneira inglesa, verdadeiramente admirável.

Pelo menos em cada fase, Manuel Bandeira apresenta algo novo na maneira de interpretar ou situar um poeta. Entre os românticos, ao lado das belas análises de Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo, coloca nos termos devidos a questão do romantismo de Magalhães e, sobretudo, esclarece Junqueira Freire, com certeza o menos lido e entendido dos nossos grandes românticos. Pessoalmente, não o aprecio nem considero a par dos demais; reconheço, todavia, que anda injustamente largado. Li com prazer um bom estudo de Roberto Alvim Correia, na edição Zélio Valverde das obras do poeta baiano, e sinto agora que Manuel Bandeira disse a seu respeito as coisas mais penetrantes e esclarecedoras de que tenho notícia.

Justiça plena é feita a Vicente de Carvalho, considerado pelo autor talvez o maior dos nossos parnasianos (se tal nome lhe cabe) e abordado com uma simpatia que refresca o nosso sentimento vicentino. No trabalho de reconceituar, porém, os casos mais dignos de nota se referem a Augusto dos Anjos e José Albano.

O primeiro é colocado em nível de primeira grandeza e versado com certa abundância, relativamente à extensão do ensaio sancionando a preferência do público (*Eu anda por 12 ou 14 edições*). Manuel Bandeira nele vê um dos mais originais e poderosos de quantos temos tido e lhe consagra uma análise rica em sugestões. Metendo novamente em cena o meu gosto pessoal, devo dizer que Augusto dos Anjos não é dos poetas que amo, embora lhe admire a magia verbal e sinta a grandeza do seu abismo interior. Manuel Bandeira, num traço iluminante, aproxima-o de Euclides da Cunha, a cuja família espiritual sem dúvida pertence. Penso que ele representou admiravelmente, como Euclides, a nossa inclinação verbalista, criando uma retórica por vezes bela e concebendo a realidade como cidadela misteriosa que é preciso abordar com torneios algo alucinantes de expressão. Não é à toa que Otto Maria Carpeaux, apaixonado pelo Barroco, veio se entusiasmar no Brasil por este rebento do velho tronco gongórico, constante em nossa literatura sob as suas formas mais discursivas e superficiais. O mau gosto de Augusto dos Anjos funciona normalmente na sua poética de recursos tensos, quase desesperados, e a grandeza de seu drama queimava como um fogacho nem sempre suportável.

Quanto a José Albano, creio que a *Apresentação* inova ao pô-lo em primeira linha. A sua obra, rara e parcialmente inédita, é pouco



conhecida, mesmo dos que cuidam de literatura. Recentemente, Luis Aníbal Falcão dedicou-lhe um magnífico poema, num livro de ensaios por todos os títulos excelente, apesar do título algo precioso e vulgar de *Do meu alforje*. Manuel Bandeira estuda com admiração e finura a poesia do complicado cearense, e mesmo sem conhecê-la posso crer na razão do apreço que lhe consagra.

A antologia que segue o estudo sofre, mais que ele, das peias impostas pelo público estrangeiro. Manuel Bandeira conformou-se talvez demasiado com a sanção do tempo, escolhendo as peças mais geralmente aceitas pela maioria dos leitores. Se o livro fosse feito para brasileiros, seria desejável menor convencionalismo. Já é tempo, creio eu, de fazer uma antologia “irregular”. Não de “irregulares”, mas selecionando, na obra dos poetas, peças esquecidas pelos leitores, até pelos críticos, e às vezes tanto ou mais formosas do que as outras. Ao invés de “Banzo”, por exemplo, certo soneto de Raimundo, com um embriagante

Vento outonal de longes campos vindo,
Cheios de fresco, de oloroso feno.

Ao invés do já quase intolerável “Temei, penhas”, de Claudio Manuel, e deixando de lado o preconceito de que na sua obra valem apenas os sonetos, buscar a écloga XX, “Lira”, ou a admirável “Polifemo”, das produções mais altas, embora ao que eu saiba nunca mencionadas da nossa poesia neoclássica. De Gregório de Matos, poder-se-ia ressaltar mais ou melhor o espírito barroco, tomando um dos sonetos, mais arrojado, e também de todo esquecido, creio eu, a de “Ângela”, de Sousa Parentes:

Anjo no nome angélica na cara,
Isto é ser flor e anjo juntamente;
Ser angélica flor e anjo florente,
Em quem se não em vós se uniformar

quando não o espantoso

Como cantas, se és flor de Alexandria,
Como cheiras, se és pássaro de arminho.

Deste modo, fariamos dormir em justo e bem ganho repouso os pobres “Ora, direis, ouvir estrelas” e “Eu deixo a vida”, em benefício de uma variação que em nada comprometeria os valores adquiridos e contribuiria muito para educar o gosto público.

Quanto aos modernos, penso que o antologista deveria ter incluído algum poema do *Livro azul*, de Mário de Andrade. Tive grande alegria ao ler a opinião expressa de Manuel Bandeira de que o coroamento dessa nobre carreira de poeta estará talvez no poema “Rito do Irmão Pequeno”, pois desde 1941, quando escrevi em um dos nú-

meros de *Clima* sobre o aparecimento de “Poesia”, é esta a minha opinião. Mas, se assim é, porque não dar uma amostra na antologia, ainda que sem transcrever todas as partes do poema?

O único defeito grave do livro é a ausência inevitável de estudo sobre... Manuel Bandeira, falta que desequilibra a última parte e vale, ao menos, para sentirmos toda a importância deste grande artista. Os editores, em vista disso, encarregaram Otto Maria Carpeaux de fazer um prefácio em que analisa a obra do autor, e que não desmerece do livro a que introduz.